

PAULISTA, Paulo. Festas do cinquentenário do Municipal bisarão as grandes noites de outrora. Shopping News de São Paulo, São Paulo, 05 mar. 1961.

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP  
 CMUHE029905

# FESTAS DO CINQUENTENÁRIO DO MUNICIPAL BISARÃO AS GRANDES NOITES DE OUTRORA

No palco famoso, gente famosa cantou e representou para a fina-flor da nossa sociedade

**C**om Ópera estrangeira, não! Pois não temos o nosso Carlos Gomes? Por que não estreiar com ele?

Era 1911. O Teatro Municipal de S. Paulo ia ser inaugurado. Para a cidade de 400 mil habitantes, que mal avançava para além da praça dos Curros — hoje praça da República — aquele prédio estiloso, bem ao gosto da época, era um monumento que se destacava na paisagem ainda plana da cidade que começava a crescer.

— Ou tocam Carlos Gomes ou, então, não será inaugurado!

Nas ruas, era o que o povo dizia. Na Câmara Municipal, pela voz do vereador Alcântara Machado, o mesmo protesto era feito, com eco na imprensa, através dos artigos de Armando Prado.

Setembro. A inauguração fôra marcada para julho, mas era o mês das colheitas e todo mundo andava pelas fazendas de café a vigiar a apanha dos frutos que foram

e são uma das maiores riquezas do Brasil.

Festa havia por toda a cidade. S. Paulo, naquele tempo, era, realmente, a capital artística do Brasil. No Tea-

tro São José, logo ali, defronte ao novo Municipal, onde hoje fica a Light, Mimi Aguglia "Frou-Frou", apimentada e ao sabor do gosto de então; no Politeama, Emilio Zago estava representando "O Avarento".

No Conservatório Dramático e Musical, então sala "chic", frequentada pela "haute-gomme" paulistana do princípio do século, Eugénie Buffet, notável cançonetis-

ta francesa dava recitais com grande público.

No velho Sant'Anna — não no que foi destruído na rua 24 de Maio — mas no que se situava na rua Boa Vista, Inácio Paderewski dava dois concertos. Ele vinha de uma movimentada vida artística e política, em sua terra.

Em S. Paulo, também estava o grande líder socialista Jean Jaurés, pregando idéias que arripiavam o conservadorismo mais arraigado. Jaurés, para espanto de muitos, chegara a ser aplaudido pelo conselheiro Antônio Prado que, diz uma nota da época, "não tivera receio de ouvir o ilustre chefe socialista".

Tudo isto, que é uma reportagem saborosa e fiel da época, nos é contado por Ciro Mendes, num opusculo destinado a assinalar a reabertura do Teatro Municipal, após as reformas incompletas, que custaram milhões, em 1955.

## \* A INAUGURAÇÃO

O nacionalismo já existente no início do século, pois, criava problemas à inauguração, em setembro de 1911, do grande e famoso Teatro da Prefeitura.

Pietro Mascagni viera de Buenos Aires trazendo vasto repertório e um elenco fabuloso com uma orquestra, cantores, divas, coros, corpo de baile, maquinistas e cenários, tudo o que aqui ainda não havia, enfim. A recepção que lhe tributaram, é Ciro Mendes, ainda, quem conta — foi notável. Na Rotisserie Sportman, afamado hotel, onde Mascagni se hospedou, formava-

se uma legião de admiradores.

— "Bela cidade, esta! — disse ele. Informaram-se ser provinciana. Mas já é uma grande metrópole".

Os jornalistas e o povo acreditaram na sinceridade das afirmações do grande maestro, que vinha de Buenos Aires, e registraram com entusiasmo as suas palavras.

Aconteceu, porém, que quem inaugurou o Teatro Municipal não foi Mascagni. Ele tinha, em seu repertório, "O Guarani" o que seria "sopa no mel", para os nacionalistas... Mas não se sabe bem porque, Mascagni foi para o Politeama estreando com "Iris". O Municipal, foi, mesmo, inaugurado com Titta Ruffo, que trazia também um elenco famoso. "Hamlet" foi a primeira Ópera. E a "ouverture" do Guarani serviu para amainar os pruridos veridicamente dos nacionalistas.

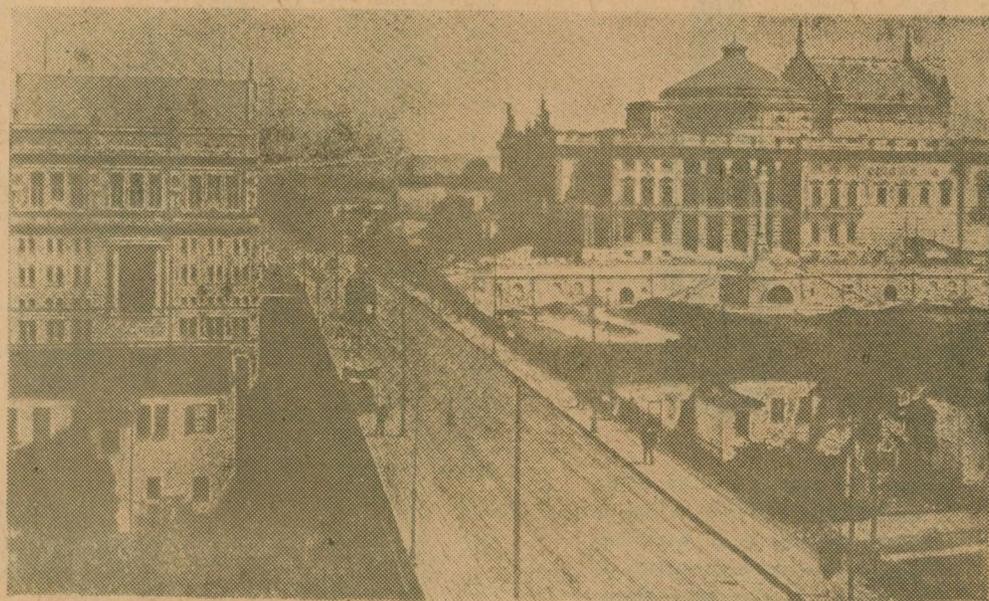
## \* ÊXITO

O êxito foi retumbante. Houve, como é óbvio, um desfile de elegância e de modas. Vestidos vindos de Paris, trajes masculinos cortados e costurados pelos melhores alfaiates londrinos, encheram de espanto as 20 mil pessoas que se reuniram, na noite memorável, na então praça sem nome. Preços? Altos, al-

tíssimos para a época: 20 mil reis a poltrona e 250 mil as frisas de "avant-scène". Já pela tarde, o sucesso social fôra grande, por ocasião

TEXTO  
DE  
PAULO PAULISTA  
DE PIRATININGA

Nacionalistas queriam, para a inauguração,  
ópera de Carlos Gomes: "de estrangei-  
ros, não"



*DOIS teatros: o São José desaparecido, que ficava onde hoje é a Light, e o Municipal São Paulo do começo do século, com suas graças, seus encantos e seu renome de capital artística do Brasil*

PAULISTA, Paulo. Festas do cinquentenário do Municipal bisarão as grandes noites de outrora. Shopping News de São Paulo, São Paulo, 05 mar. 1961.

da recepção promovida no "foyer" onde, um mês mais tarde, ao término da temporada, realizou-se um baile em homenagem à comissão organizadora dos festejos inaugurais.

### \* 50 ANOS DEPOIS

**F**AZ cinquenta anos que isto aconteceu. Meio século. Um nada, na vida de uma cidade qualquer. Um espaço de tempo muito grande para uma cidade como S. Paulo que, nestes cinquenta anos se tornou, mercê de um crescimento sem igual no mundo todo, a 14.ª cidade do mundo.

Agora, o Municipal faz bodas de ouro. No panorama citadino, cercado de arranha-céus modernos, a sua presença evoca dias inesquecíveis para várias gerações. Há os que ainda se recordam daqueles dias memoráveis que se seguiram aos 11 de Setembro de 1911.

Hoje, o Municipal não é nem a sombra do que foi. Ele, que garantiu e granjeou para S. Paulo o título de "capital artística do Brasil", durante muitos anos, transformou-se, devido a influências políticas, num teatrinho mambembe.

Do seu passado, sobram porém, grandes recordações. Os trabalhos artísticos de Oscar Pereira da Silva, ainda lá estão, eternos como o seu imenso valor. Há lembrança da voz de Caruso, do imortal Enrico Caruso, cantando, sob a regência de Marinuzzi, o "Lo Schiavo" de Carlos Gomes. Diz Ciro Mendes que a efervescência nacionalista estava, ainda, em pleno apogeu. Mas a Ópera de Carlos Gomes foi encenada, duas vezes com casas vazias...

### \* DESFILE DE NOMES FAMOSOS

**O**UTROS nomes famosos desfilaram pelo palco, hoje

dotado de melhoramentos que só os maiores teatros

do mundo possuem. Caruso, pois, foi um deles. Recordasse, a propósito, que por ter o famoso artista cantado Manon em francês, enquanto os demais interpretes o faziam em italiano, vários incidentes foram provocados. Nem a sua voz inigualável silenciou os protestos...

Depois, vieram outros artistas famosos. Ana Pawlowa, Totti Dal Montí, Beniamino Gigli, Isadora Duncan, Jascha Heifetz, Tito Schipa, Martha Eggerth e Jan Kiepura — mais conhecidos pelo cinema, do que pela voz — Brailowski, Toscanini são alguns deles. Nomes nacionais (também internacionalmente aplaudidos), como Bidu Sayão, Vila Lobos e tanto outros, deixaram seus êxitos ligados ao renome do Teatro Municipal.

### \* HOJE

**A**GORA, é a hora presente. O dia de hoje. Os cinquenta anos bem vividos de uma casa de espetáculo que perdeu um pouco da sua austeridade e do seu renome. Um programa de festas, do qual participarão os seus corpos estaveis, seus maestros, seus bailarinos e seus corais, está em andamento.

As comemorações das bodas de ouro do Municipal atingirão, porém, a sua fase gloriosa — revivendo os seus melhores dias — quando forem iniciadas as Temporadas Liricas Nacional e Internacional. Alfredo Gagliotti e Emilio Billoro, cujos nomes estão ligados, há décadas, aos êxitos do Municipal, vão trazer da Europa vozes famosas, dentre as quais a da temperamental Maria Callas e reuniram, num elenco homogêneo, o que de melhor possuímos como vozes e interpretação.

Então, as comemorações dos 50 anos do Teatro Municipal de S. Paulo bisarão, sem dúvida, o brilho de outrora.



FEDORA Barbier, ao lado de Salvador, velho servidor do Teatro "cinquentão"

